

UMA GEOGRAFIA DO QUE ACONTECE: INTERSECÇÕES DA VIDA DE MULHERES À LUZ DO CONTEXTO GEOGRÁFICO

MATEUS FACHIN PEDROSO¹ 

RESUMO – A preocupação central deste artigo foi compreender as trajetórias de vidas experienciadas interseccionalmente por mulheres a partir do conceito de *assemblage thinking* na produção de seus respectivos contextos geográficos, especificamente, a realidade daquelas que viveram/vivem com o Vírus da Imunodeficiência Humana / Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (HIV/AIDS) em Presidente Prudente – SP, Brasil. Para este estudo foi elencada a articulação metodológica entre a História de Vida e a Análise do Discurso (AD) pautada na produção e análise dos dados qualitativos (infância, juventude, vida adulta). Isso permitiu a interpretação dos sentidos e conexões produzidos pelas participantes da pesquisa mediante as complexas realidades de espaço-tempo, de conteúdo e de agência evidenciadas nas narrativas. As mulheres participantes da pesquisa, lidaram e interagiram com distintos agentes sob a conformidade produzida com/no o contexto geográfico, o que evidenciou modificações constantes em seus campos de possibilidades mediante o destaque de seus principais acontecimentos e pontos de inflexão. Tal entendimento nos faz crer na potencialidade do emprego da *assemblage thinking* e do contexto geográfico enquanto contribuições para a Geografia, sobretudo, nos campos comprometidos com os sujeitos, suas culturas, corpos e suas interseccionalidades que permitem a leitura do movimento, da continuidade da vida, do novo, do ainda desconhecido.

Palavras-chave: Geografia; *assemblage thinking*; contexto geográfico; mulheres.

ABSTRACT – A GEOGRAPHY OF WHAT HAPPENS: INTERSECTIONS OF WOMEN'S LIVES IN THE LIGHT OF THE GEOGRAPHICAL CONTEXT. The central concern of this article was to understand the life trajectories experienced intersectionally by women based on the concept of *assemblage thinking* in the production of their respective geographical contexts, specifically the reality of those who lived/live with the Human Immunodeficiency Virus/Acquired Immunodeficiency Syndrome (HIV/AIDS) in Presidente Prudente – SP, Brazil. For this study, the methodological articulation between Life History and Discourse Analysis (DA) was chosen, based on the production and analysis of qualitative data (childhood, youth, adulthood). This made it possible to interpret the meanings and connections produced by the research participants through the complex realities of space-time, content and agency shown in the narratives. The women who took part in the research dealt and interacted with different agents under the conformity produced by/within the geographical context, which showed constant changes in their fields of possibilities by highlighting their main events and turning points. This understanding makes us believe in the potential of using *assemblage thinking* and the geographical context as contributions to Geography, especially in fields committed to subjects, their cultures, bodies and their intersectionalities that allow us to read movement, the continuity of life, the new, the still unknown.

Keywords: Geography; *assemblage thinking*; geographical context; women.

RESUMEN – UNA GEOGRAFÍA DE LO QUE SUCEDE: INTERSECCIONES DE LA VIDA DE LAS MUJERES A LA LUZ DEL CONTEXTO GEOGRÁFICO. La preocupación central de este artículo fue comprender las trayectorias de vida vividas interseccionalmente por mujeres a partir del concepto de pensamiento ensamblador en la producción de sus respectivos contextos geográficos, específicamente la realidad de las que vivieron/viven con el Virus de Inmunodeficiencia Humana/Síndrome de Inmunodeficiencia Adquirida (VIH/SIDA) en Presidente Prudente - SP, Brasil. Para este estudio, se optó por la articulación metodológica entre Historia de Vida y Análisis del Discurso (AD), a partir de la producción y análisis de datos cualitativos (infancia, juventud, adultez). Esto permitió interpretar los significados y conexiones producidos por las participantes en la investigación a través de las realidades complejas de espacio-tiempo, contenido y agencia mostradas en las narrativas. Las mujeres que participaron en la investigación trataron e interactuaron con diferentes agentes bajo la conformidad producida por/en el contexto geográfico, que mostró cambios constantes en sus campos de posibilidades destacando sus principales acontecimientos y puntos de inflexión. Esta comprensión nos hace creer en el potencial de la utilización del pensamiento ensamblador y del contexto geográfico como aportes a la Geografía, especialmente en campos comprometidos con los sujetos, sus culturas, cuerpos y sus interseccionalidades que nos permiten leer el movimiento, la continuidad de la vida, lo nuevo, lo aún desconocido.

Recebido: 24/05/2023. Aceite: 12/12/2023. Publicado: 13/03/2024.

¹ Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Km 12 - Cidade Universitária, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: mateus.fachin@hotmail.com

Palavras chave: Geografia; pensamento de *assemblage*; contexto geográfico; mulheres.

I. INTRODUÇÃO

O objetivo central deste artigo é compreender as trajetórias de vidas experienciadas interseccionalmente por mulheres a partir do conceito de *assemblage thinking* na produção de seus respectivos contextos geográficos, especificamente, a realidade daquelas que viveram/vivem com o Vírus da Imunodeficiência Humana / Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (HIV/AIDS) em Presidente Prudente – São Paulo Brasil. Frente a isso, tomamos como primeiro movimento o destaque para os aspectos céleres e transformadores da sociedade contemporânea. É fato que, cotidianamente, temos nos deparado com situações cada vez mais complexas, imersos em tramas produzidas por agentes e estruturas de ordens e tempos distintos, o que nos leva a experienciar fenômenos espaciais altamente mutáveis e de difícil apreensão (Lévy, 2010; Martins, 2020; Silva, 1982, 1996).

À luz dessa interlocução, se faz de suma importância as múltiplas trocas que foram e são fomentadas, mormente, em relação aos avanços conceituais no campo da Geografia Cultural em âmbito internacional que apresentam, em diferentes graus, saltos qualitativos, como por exemplo, o impacto da virada conceitual provocada pela concepção de *assemblage thinking* (Thrift & Dewsbury, 2000).

Ao partimos deste pressuposto, centramos esforços sob a configuração da concepção de *assemblage thinking*, que se dedica a abordar os processos compostos por elementos de diversas naturezas, sejam eles humanos e não humanos, naturais e técnicos, orgânicos e inorgânicos. “Em termos gerais, a *assemblage* é, então, parte de uma reconstituição mais geral do social que busca integrar as divisões do social-material, do próximo-distante e da estrutura-agência” (Anderson & McFarlane, 2011, p. 124), priorizando assim as relações em realidade aberta, abarcando tanto o “atual” (aqui/agora) quanto o “possível” (devir/contingência) em múltiplas escalas (Massey, 2008, 2009). Em outras palavras, esta concepção não desconsidera a força das interlocuções assimétricas existentes entre o particular e o universal, pois trata-se de um constante exercício de compreensão das possibilidades em movimento que, por sua vez, transitam entre os aspectos internos e externos dos atores constituintes do contexto geográfico.

Além disso, o pensamento de *assemblage* passa da análise das partes para a exploração das relações entre as partes em diferentes escalas. Dessa forma, pode ser adotado como uma lente teórica eficaz para compreender a generatividade, emergência e complexidade, onde os resultados são muitas vezes imprevisíveis. Esse é de fato um foco nos processos e não nos produtos. (Kamalipour & Peimani, 2015, p. 406)

A construção deste raciocínio exprime a necessidade de olharmos para aquilo que é construído pelos sujeitos a partir das diferentes relações que estabelecem nas distintas etapas dos seus cursos de vida (infância, juventude, idade adulta), tendo como canais de leitura os corpos, as estruturas, as interseccionalidades¹, as narrativas, o material-imaterial, que chegam aos sujeitos em movimentos de ruptura e continuidade. Pautar tais questões coloca em debate a proposição de outro raciocínio conceitual; o de contexto geográfico. Deste modo, se trata da construção de um caminho para além do que está dado, fixo, fechado, categorizado ou finito, em outros termos, o contexto geográfico está comprometido com a compreensão dos modos espaciais de existência das pessoas, portanto, está alinhado às constâncias e inconstâncias que acontecem na vida dos sujeitos (Guimarães *et al.*, 2023; Pedroso, 2022).

Refletir sobre esta problemática nos exige um exercício interpretativo que nos reposiciona no ato de construir Geografias, de modo que a premissa não está diretamente associada a ordem sincrônica de grandeza (particular > universal ou universal > particular), mas sim a de composicionalidade de relações assimétricas (Silva, 1982). Em termos de sentido, isso sempre dependerá do estabelecimento de conexões desiguais que configurarão, por vezes, realidades múltiplas, conflituosas e imprevisíveis (Latour, 2012; Silva, 2000). É neste sentido que propomos o conceito de contexto geográfico como um conjunto de relações dialógicas, relacionais e dinâmicas, que tomam os sujeitos como princípio de ação e significação e, portanto, são passíveis de transformações que o configuram ao mesmo tempo que os conectam ao particular e ao universal (Pedroso, 2022).

Tal interlocução se refere ao movimento flexível de afetamentos, (des)continuidades e complementariedades que via contexto geográfico encontram a possibilidade de elucidar a

complexidade de fenômenos reais (Kwan, 2014), ou seja, destaca os contornos que fundam a conformação de realidades específicas. Isso permite que o contexto geográfico se insira neste debate como uma proposição que amplia o espectro analítico e possibilite que outras perspectivas emergjam da experiência do real (Matthews, 2017), elaboradas enquanto arcabouço teórico-metodológico crítico que garante leituras coerentes dos fenômenos vivenciados pelos sujeitos.

Neste sentido, o que denominamos por contexto geográfico é a realidade evocada pelas vozes dos sujeitos enquanto forma de compreensão do movimento dos fenômenos que, para nós, envolvem diretamente as questões interseccionais, principalmente, as de gênero, saúde e doença. Deste modo, o contexto geográfico enquanto conceito expressa uma realidade específica de espaço-tempo, de conteúdo e de agência, compreendidos como:

- Espaço-tempo – Realidade específica evocada pelas vozes dos sujeitos que conjunturam o cotidiano e a contingência por meio do passado, da interpretação do presente e da projeção de futuro em diferentes escalas;
- Conteúdo – Interação de elementos materiais e imateriais que constituem a vida dos sujeitos e dão substancialidade para a significação das estruturas, dos corpos, das normas, das culturas e signos presentes na sociedade;
- Agência – Movimento da ordem dos acontecimentos e afetamentos que partem da potência dos sujeitos por meio de suas capacidades de ações e respostas sob a conformidade de seus modos de existência (Pedroso, 2022).

À vista disso, a construção teórica do contexto geográfico advoga para que este seja compreendido enquanto uma realidade específica de espaço-tempo com foco nos sujeitos, o que possibilita estabelecer relações diretas de composicionalidade com os conteúdos e as agências que partem dos sujeitos enquanto poder de ações e transformações. Este raciocínio articulado tende a evidenciar centralidades de análise que configuram nuances que estarão atreladas aos interesses de pesquisa e, isso é entendido enquanto uma potência explicativa para as múltiplas complexidades enfrentadas pelos estudos que se dedicam aos sujeitos na Geografia, o que torna tal interlocução com as contribuições da *assemblage thinking* coerentes e legítimas.

Deste modo, o presente artigo segue estruturado de antemão pela Introdução que, como acima destacada, apresenta o objetivo central e a temática debatida. Também compõem o texto três seções. A primeira seção, “Metodologias de pesquisa”, está dedicada em evidenciar o percurso metodológico construído no que tange a produção e análise dos dados qualitativos, especificamente apoiado pela História de Vida e Análise do Discurso (AD). A segunda seção, “Vidas que acontecem: interpretações geográficas em movimento”, versa sobre a realidade das mulheres participantes da pesquisa, mormente, sobre as experiências interseccionais vivenciadas na infância e juventude. Este momento centrou esforços em destacar os principais elementos que compuseram os contextos geográficos, bem como salientar, as interseccionalidades, acontecimentos e pontos de inflexão mais expressivos acerca das violências e vulnerabilidades. A terceira seção, “*Assemblage thinking* e contextos geográficos: vidas em continuidade”, alude sobre os movimentos de transição entre as juventudes e vida adulta, de modo que evidencia o rearranjo interseccional a partir dos acontecimentos e pontos de inflexões, como por exemplo o surgimento e ressignificação do HIV/AIDS em diferentes contextos geográficos. Além destas seções, o artigo conta com a Conclusão.

II. METODOLOGIAS DE PESQUISA

Tomamos como lastro empírico de análise os cursos de vida das mulheres que participaram de nossa pesquisa, para que se façam evidentes as interações, acontecimentos, rupturas, transições e ressignificações acerca das interseccionalidades presentes em suas trajetórias. Nesse movimento, entendemos que é necessário averiguar os diferentes elementos que se fizeram/fazem presentes no cotidiano das mulheres, tendo como prerrogativa não somente tomar conhecimento destes elementos em si (Allen, 2012). Isto é, trata-se de investigar o que acontece no plano concreto do indivíduo em seu movimento pela vida, ou seja, em suas respectivas cotidianidades (Lefebvre, 2005, 2006). Para isso, se faz importante apresentar o perfil das participantes, como dispõe o quadro I.

Quadro I – Perfil das mulheres participantes.

Table I – Profile of the women participants.

Identificação	Idade	Tempo de sorologia (Anos)	Nº de filhos	Estado civil	Cor autodeclarada	Escolaridade*	Religião	Renda (R\$)
Alyssa	54	22	3	Viúva	Branca	E. F. incompleto	Evangélica	954
Bonet	39	22	2	Solteira	Parda/Preta	E. M. completo	Evangélica	700
Del Rio † (2020)	61	18	5	Viúva	Parda/Preta	E. F. incompleto	Evangélica	1.400
Latrice	41	8	3	Solteira	Parda/Preta	E. F. incompleto	Católica	954
Monique	43	21	3	Viúva	Parda/Preta	E. F. incompleto	Evangélica	954
Tammie	58	21	1	Divorciada	Parda/Preta	E. F. incompleto	Evangélica	954

E. F. - Ensino Fundamental; E. M. - Ensino Médio.

Fonte: Pedroso (2022, p. 35)

A partir do exposto, fica evidenciado algumas das principais características das mulheres participantes do Grupo “*Plug and Play*” pertencente à Associação Prudentina de Incentivo à Vida (APIV), localizada em Presidente Prudente – SP, Brasil. Em linhas gerais, o grupo apresenta alto grau de semelhanças frente às características iniciais, uma vez que se desenha a partir de um perfil de mulheres autodeclaradas pardas, de meia-idade, com ocupações múltiplas de baixo rendimento, evangélicas, mães, com escolaridade incompleta, vivendo com HIV/AIDS e em situação monoparental. Estas informações são importantes, pois situam os sujeitos, ou seja, trata de quem são as mulheres que centralizam a discussão.

Ao propormos tal reflexão, metodologicamente nos aproximamos das contribuições da História de Vida que, no presente caso, serviu como ação de pesquisa para a produção dos dados qualitativos. Essa metodologia preza pelo relato da enunciante que narra sobre sua vida no movimento de reconstrução das ocorrências experienciadas ao longo do tempo, portanto, trata-se de uma “(...) narrativa linear e individual dos acontecimentos que ele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar” (Queiroz, 1988, pp. 20-21).

É neste sentido que a História de Vida permite liberdade ao narrador para decidir o que contar, e como contar acerca do que foi vivido, dado que não há o estabelecimento prévio de questões. Trata-se do registro subjetivo de como o sujeito olha para trás e enxerga sua trajetória de vida, “exatamente o modo como fala sobre ela, como a ordena, ao que dá destaque, o que deixa de lado, as palavras que escolhe, e que são importantes para a compreensão de qualquer entrevista” (Thompson, 1992, p. 258).

Seguindo estes parâmetros cabe ressaltar que as entrevistas foram produzidas e gravadasⁱⁱ com o consentimento livre e esclarecido das mulheres. Este tipo de registro permite realizar “(...) o recorte de turnos, a transcrição de falas e de fenômenos conversacionais, (...) tornados cientificamente relevantes pela acumulação e consolidação de resultados de investigação” (Binet, 2012, p. 3). A execução das entrevistas permitiu o registro de uma infinidade de acontecimentos de grande riqueza como as pausas, ênfases e entonações presentes nas falas (Ladeira, 2007), elementos estes que foram registrados no diário de campo que, por sua vez, aglutina os elementos não graváveis como os gestos, expressões corporais e faciais, etc. (Aguar, 2004).

Em caráter de sistematização e interpretação, nos dedicamos ao uso da AD, o que possibilitou assumir as narrativas das participantes como *corpus* da análise textual (Maingueneau, 1990, 1997). Neste sentido, alguns aspectos da AD são úteis para a compreensão dos contextos geográficos enunciados a partir das falas das mulheres entrevistadas, uma vez que esta metodologia considera a cenografia da enunciação, também denominada de *dêixis* discursivas, que confere situacionalidade espacial e temporal implicadas nos atos enunciativos ao ressaltar o EU/TU – AQUI/AGORA proporcionando sentido às formações discursivas através da enunciação (Mussalim, 2008).

Destarte, esta metodologia viabiliza a interpretação textual, pois coloca em reflexão o que fora vivenciado nas etapas metodológicas anteriores, já que todos estes elementos compõem o *corpus* textual. Isso evidencia a construção do que fora produzido em conjunto, e são essas marcas que “conduzem o leitor a perceber a orientação argumentativa e as relações entre o texto e o contexto em que foi produzido” (Gregolin, 1995, p. 17).

III. VIDAS QUE ACONTECEM: INTERPRETAÇÕES GEOGRÁFICAS EM MOVIMENTO

Ao abordarmos as múltiplas realidades dos sujeitos, entendemos que se trata de uma relação que não cessa, dado que as pessoas somatizam diferentes valores em seu processo formativo, como “(...) habilidades e comportamentos aprendidos no início da vida que estão ligados de maneira importante às experiências posteriores por meio de suas associações com interações interpessoais e a seleção de ambientes” (McLeod & Almazan, 2003, p. 393). Neste sentido, se torna indispensável considerarmos as principais manifestações que ocorreram na vida dessas mulheres, como por exemplo: as escolaridades inconclusas, gravidez indesejada/não planejada, saída da casa dos pais, casamento, prostituição, separação, violência doméstica, maternagem, chefia de família, diagnóstico do HIV/AIDS, entre outros, como veremos adiante.

De fato, é um grande desafio dimensionar as múltiplas complexidades que envolvem a vida das pessoas, isso porque é necessário interpretar de forma profunda como estas reviravoltas se mantiveram e se (re)organizaram sob a conformidade do espaço-tempo, conteúdo e agência. A confluência destas modificações perpetuadas a longo prazo expressa o que se é compreendido como contexto geográfico, uma vez que estas elucidam padrões de estabilidades que derivaram das múltiplas transiçõesⁱⁱⁱ narradas pelos sujeitos.

Esse esforço nos permitiu evidenciar os principais movimentos das trajetórias, e com isso denotar as interseccionalidades que foram acionadas pelos acontecimentos presentes nas transições das etapas de vida em diferentes contextos geográficos, como apresenta o quadro II.

Quadro II – Cursos de vida na compreensão dos contextos geográficos: infância e juventude.

Table II – Life courses in the understanding of geographical contexts: childhood and youth.

Cursos de vida	Décadas	Etapas de vida	Características geográficas	Interseccionalidades	Acontecimentos e Pontos de inflexão
	Anos 1960	Infância	Rural	- Classe - Gênero - Educação	- Trabalho - Estudos - Violência doméstica - Divórcio dos pais
	Anos 1970		Urbano (Periferia da cidade)	- Educação - Gênero - Classe - Raça-etnia	- Estudos - Violência doméstica - Divórcio dos pais - Trabalho - Racismo
	Anos 1980	Juventude	Urbano (Periferia da cidade)	- Gênero - Classe - Educação - Religião - Raça-etnia	- Maternagem - Trabalho - Namoro - Casamento/Uniãos estáveis - Prostituição - Violência doméstica - Estudos - Fé - Divórcio - Racismo
	Anos 1990				

Fonte: Pedroso (2022, p. 163)

A partir da sistematização exposta no quadro II, é possível entender que essas relações de aproximação e interação permitem refletir sobre as duas gerações de mulheres (Turra Neto, 2014) que adquiriram suas experiências de infância e juventude durante as décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990 e que, mesmo em contextos geográficos distintos, manifestaram encontros e cruzamentos semelhantes. Desta forma, cabe destacar a forte presença da relação campo-cidade, visto que o contexto geográfico experienciado pelas entrevistadas esteve lastreado na realidade interiorana de Presidente Prudente. À vista disso, vale salientar que ambas as realidades estiveram ligadas a questões de subsistência familiar, ou seja, relacionadas ao desempenho de trabalhos que envolviam todos os membros da família, o que por si só expressa a questão de classe. Assim sendo, estas condições que configuraram os contextos geográficos proporcionaram diferentes experiências na infância, como pode ser observado nas falas de Tammie, Alyssa e Monique.

A gente trabalhava no sítio, trabalhava na roça, nós sempre trabalhamos na roça. Eu trabalhei muito pouco, e naquela época, quando eu ainda morava no sítio... a gente tinha que lavar a roupa na mina em uma 'tauba'(tábua)... na 'tauba' e era muita roupa, mas eu ajudava minha mãe, só que eu era desobediente porque eu não tinha amigos, não tinha colegas naqueles anos. (Tammie, 2018)

A minha infância o que eu lembro, assim, é quando a gente morava no sítio, e meu pai trabalhava nessa fazenda. (...) Então era bom, e no outro tanto era ruim, né?! Mas, aí eu lembro que meu pai plantava morango, aqueles morangões, alface, e depois a gente ia pra cidade pra vender, eu e meu irmão. (Alyssa, 2018)

Eu morei aqui no Bongiovani (bairro urbano), na época era tudo barraco, eu não lembro muito não, e eu fui adotada, eu fui pega para criar... adotada, não tinha nem um ano de idade, é o que minha mãe que me adotou fala, né?! E desde então, eu tive uma infância boa, eu sempre fui muito arteira (risos), eu aprontava muito. (Monique, 2018)

Tais reflexões evidenciam algumas características que se assemelham e contribuem com as demais a ponto de estabelecer paralelos que elucidam a pluralidade de contextos geográficos, ora mais próximo ao rural, ora em transição ou mesmo estritamente conectados ao urbano. Assim sendo, todas as memórias avultam, simultaneamente, suas perspectivas individuais, como também caracterizam elementos que garantem a coetaneidade que está diretamente ligada a estrutura e formação do contexto geográfico protagonizado pelas entrevistadas.

Ainda sobre as infâncias, vale destacar as questões interseccionais ligadas ao gênero dado sua expressividade demarcada nas falas, bem como a experiência de episódios de violência doméstica, enquanto acontecimento e pontos de inflexão, que foram constantemente presentes nas realidades dessas mulheres, como evidenciam as falas de Alyssa e Bonet.

Ah, era muita briga... eles só brigavam. Não sei... eles discutiam e meu pai batia muito na minha mãe, mesmo quando minha mãe estava grávida do meu irmão (...). Desde que eu conheço meu pai e minha mãe sempre foi briga, batendo e discussão. A gente corria pro milharal porque ficava com medo... e foi assim. (Alyssa, 2018)

Eu lembro do meu pai batendo na minha mãe (momento de silêncio). Eu lembro de uma briga deles que minha mãe chegou da CICA (antigo bairro rural que concentrava cooperativas) e falou assim pra 'nóis' (nós), o que 'nóis' ia querer... Daí, meu pai falou assim... 'Não vai comprar nada disso para eles não, vai comprar arroz e feijão!', e minha mãe falou para ele assim... 'Eu não casei para sustentar gigolo', e daí ele tacou o copo de café na cabeça dela e cortou, fez aquele corte, e meu pai foi para cima da minha mãe e eu nas costas do meu pai para ele não bater mais na minha mãe. Nossa! (expressão de espanto e anestesia). (Bonet, 2018)

Os relatos selecionados acima apresentam fortes marcas acerca da infância, dado que apresentam lembranças latentes e expressivas no que tange às reverberações da violência. Tais questões elucidam problemáticas presentes na vida das entrevistadas, dado que elas experienciaram tais condições desde muito cedo, o que condiciona a situação de vulnerabilidade não somente sobre as vítimas diretas da violência – psicológica, verbal e física – mas, também sobre as que presenciam tal fenômeno nos mesmos espaços, como por exemplo a espacialidade da casa, diretamente ligada a violência doméstica ou intrafamiliar (Gontarek & Silva, 2020).

Destarte, as narrativas aludem sobre o elo entre os contextos nesta etapa de vida, dado que as interseccionalidades destacadas como dominantes junto aos principais acontecimentos e pontos de inflexões são basicamente os mesmos (vide o quadro II). Outra confluência importante destacada no processo, é que todas as mulheres, mais cedo ou mais tarde, adquiriram experiências e realizaram práticas na cidade já na condição de jovens, o que torna tais realidades pujantes. Ao conceber a juventude no plural – juventudes – evocamos diferentes elementos que caracterizam as experiências das entrevistadas (Cassab, 2015). Tal multiplicidade além de plural é relacional, uma vez que permite transitar entre o individual e o coletivo na busca por elementos que estejam conectados através das formas e significados presentes nos discursos (Spink & Medrado, 2004).

A respeito desta etapa de vida e seus respectivos contextos geográficos, cabe destacar que as narrativas das mulheres evocam acontecimentos e pontos de inflexões relacionados à família, casamento/unões estáveis, prostituição, etc., o que garante pluralidade ao contexto juvenil das entrevistadas. Como importante exemplo para esta etapa, selecionamos relatos de Del Rio e Monique

que, respectivamente, narram sobre suas curtas experiências juvenis em decorrência do matrimônio e da gravidez precoce.

E depois minha juventude já, e aí eu não saía de casa, né?! Era da igreja para casa e da casa para escola, então eu não tive! A minha mocidade foi muito pouco tempo, foi uns dois anos só porque eu logo comecei a namorar e já casei e acabou. Casei cedo, casei com dezoito anos, nós nos casávamos já. Isso tudo aqui em Prudente (risos). Isso quer dizer que eu não tive aquela mocidade assim que dava para aproveitar, que dava para ir para os bailes, ir no cinema. Eu fui no cinema a primeira vez com o meu marido. (Del Rio, 2018)

Eu tive a minha filha mais velha com quinze anos de idade, eu trabalhava na guarda mirim e eu engravidei... Não foi bom, porque era uma 'criança' cuidando de outra, né?! Mas eu não me arrependo, não. Eu arrependo de ter tido filho muito cedo, antes de ter uma profissão, porque se eu não tivesse saído teria continuado lá e hoje teria uma outra profissão, mas por causa da gravidez eu tive que parar, né?! (Monique, 2018)

A partir das falas fica evidenciado que são múltiplas as formas de experienciar a juventude (Paula & Pires, 2013; Pires, 2013), visto que ora os contextos geográficos se aproximam e confluem, ora se distanciam e divergem conforme a interação das realidades específicas de espaço-tempo, conteúdo e agência. Tais reflexões tornam inteligível a complexidade dos contextos geográficos experienciados pelas mulheres. Assim sendo, os trajetos de vida interpretados permitiram adentrar não somente na vida particular, suas experiências e percalços, mas também perceber as mudanças cumulativas – positivas e desfavoráveis (Bailey, 2009; Hutchison, 2011) que foram ponderadas a partir dos elementos constituintes dos contextos geográficos dos quais fizeram e fazem parte (Pearce, 2018). A respeito disso, se faz contrastante, enquanto outro exemplo, as falas de Alyssa e Latrice que narram sobre as vivências juvenis produzidas a partir das relações estabelecidas com a prostituição.

E como a gente já era acostumada a beber em festinhas e essas coisas, eu comecei. Daí, chegava os fregueses e pagavam bebida e (pequena pausa) eu acostumei a beber e fazer programa... e ganhar dinheiro. Eu achava fácil fazer programa, era um dinheiro fácil e nisso eu acostumei na 'vidona'. Aí, eu fui pro mundão, pra 'vidona', pra boate, virei mulher de programa. (Alyssa, 2018)

Eu queria liberdade! Porque eu queria morar sozinha e eu não queria ficar morando com os outros. Eu morei um bom tempo pagando aluguel. É, e eu fiquei bastante tempo sendo garota de programa, foi até eu pegar a doença, quando eu descobri que eu estava com a doença eu só tive mais dois namorados, porque eu morria de medo de passar a doença pra eles. (Latrice, 2018)

A complexidade acerca da juventude exige que olhemos para a dimensão espaço-tempo das mulheres e também da sociedade que é constituída pelos mesmos por meio dos movimentos simultâneos de conteúdo e agência, já que são as combinações, em certos momentos dos cursos de vidas, que tornam compreensíveis os projetos, ações, trajetórias, acontecimentos e encontros (Massey, 2008, 2009; Paiva, 2017, 2018) – normalmente marcados pelas desvantagens cumulativas – dadas as condições constituídas nos contextos geográficos vividos. Tais colocações nos permitem pensar que os argumentos oferecidos pela *assemblage thinking* proporciona contribuições para a compreensão do contexto geográfico, uma vez que se passa a considerar criticamente

(...) um realismo experimental orientado para processos de composição; uma teorização de um mundo de relações e daquilo que ultrapassa um conjunto atual de relações que envolve focalizar as capacidades tanto das interações quanto das partes componentes; um repensar da agência em termos distribuídos e da causalidade em termos não lineares imanentes; e uma orientação para a capacidade expressiva das ordens montadas como forma de descrever como elas permanecem estáveis e mudam. (Anderson *et al.*, 2012, p. 185)

Ao destacar estas considerações, Anderson *et al.* (2012) contribuem para que possamos pensar o complexo emaranhado abstraído e interpretado a partir dos atravessamentos presentes nas realidades de espaço-tempo, conteúdo e agência da vida das mulheres. Esta perspectiva evidencia que o trânsito entre as etapas de vida é intrínseco à existência das participantes. Tal complexidade interlocutiva garante a possibilidade de interpretação das violências e vulnerabilidades, melhor

dizendo, dos contextos geográficos que salientam as opressões que se fizeram presentes no cotidiano infante-juvenil das mulheres, que experienciaram a infância, adolesceram, se casaram, foram mães, trabalharam, exerceram a prostituição, ou mesmo vivenciaram todas estas experiências nesta relação plurilocal construída (Pires *et al.*, 2016).

IV. *ASSEMBLAGE THINKING* E CONTEXTOS GEOGRÁFICOS: VIDAS EM CONTINUIDADE

Ao partirmos da realidade experienciada pelas mulheres entendemos que a *assemblage thinking* toma como foco os aspectos processuais dos fenômenos por meio da interação dos sujeitos, ou seja, o que especialmente importa é “(...) perceber como é que as relações se desenvolvem na prática, os fluxos e movimentos das coisas e os seus resultados” (Paiva, 2017, p. 164). É a partir dessa abordagem que se evidencia o alargamento da interpretação sobre as vivências construídas pelos indivíduos. Logo, estas inter-relações se tornaram preponderantes não somente para a compreensão das singularidades dos sujeitos, mas também para as ações relacionais que estes estabeleceram entre si e com o mundo (Duff, 2016; Pedroso, 2019; Pedroso & Guimarães, 2022).

Diante disso, é necessário considerarmos o devir dos sujeitos enquanto processo descentrado, visto que “(...) toda a questão está em elucidar como os agenciamentos de enunciação reais podem colocar em conexão essas diferentes instâncias” (Guatarri & Rolnik, 1996, p. 31) de espaço-tempo, conteúdo e agência a ponto de viabilizar a interpretação dos contextos geográficos em voga. Para nós, tais aspectos são de suma importância, uma vez que a transição entre as etapas juventude e vida adulta passam a depender da articulação dos elementos em realidades específicas, visto que suas articulações configuram múltiplas possibilidades (Camarano *et al.*, 2006; Turra Neto, 2015).

Por ter tais questões como preocupação, mantivemos atenção nos movimentos interseccionais manifestados pelos acontecimentos e pontos de inflexão durante a consolidação das transições entre as etapas de vida, neste momento, da juventude para a vida adulta, o que nos permitiu evidenciar os elementos centrais para uma compreensão situada dos contextos geográficos experienciados, como pode ser observado no quadro III.

Quadro III – Cursos de vida na compreensão dos contextos geográficos: juventude e vida adulta.

Table III – Life courses in the understanding of geographical contexts: youth and adulthood.

	Décadas	Etapas de vida	Características geográficas			
Cursos de vida	Anos 1980	Juventude	Urbano (Periferia da cidade)	Interseccionalidades	- Gênero - Classe - Educação - Religião - Raça-etnia	- Maternagem - Casamento/Uniãos estáveis - Violência doméstica - Prostituição - Tratamento - Preconceito - Militância - Problemas de saúde - Políticas de assistência - Trabalho - Fé
	Anos 1990					
	Anos 2000	Vida adulta			- Gênero - HIV/AIDS - Classe - Religião	- Maternagem - Casamento/Uniãos estáveis - Violência doméstica - Prostituição - Tratamento - Preconceito - Militância - Problemas de saúde - Políticas de assistência - Trabalho - Fé
	Anos 2010					

Fonte: Pedroso (2022, p. 235)

Tais reflexões podem ser empenhadas no que tange a compreensão de vida adulta, e de como esta é elaborada a partir dos marcadores eleitos, uma vez que é o conjunto que define com mais e/ou menos precisão o momento de transição de cada sujeito ou grupo social (Brandão, *et al.*, 2012). Assim, a articulação destes elementos está atrelada às “(...) peculiaridades de tempo e lugar e abraçar modelos

dinâmicos, sistêmicos e interativos como uma forma de mapear e compreender o desenvolvimento ao longo da transição adolescente-adulto e, na verdade, ao longo de toda a vida” (Hendry & Kloep, 2007, p. 78).

Para a realidade das mulheres participantes, a transição para vida adulta se torna um limiar muito tênue, dado que todas apresentaram atravessamentos de diferentes ordens em suas experiências juvenis, que de certo modo limitaram esta etapa de vida. Isso porque elas se defrontaram com agenciamentos capazes de reorganizar “(...) determinada estrutura de transição (processo de mudanças para distintas situações de vida) [que] interfere na constituição das trajetórias sociais dos jovens” (Carrano, 2008, p. 68). No presente caso, as mulheres participantes, desde tenra idade, vivenciaram acontecimentos que as projetaram – muitas vezes forçosamente – para outras etapas de vida, como por exemplo, as curtas experiências juvenis e o ingresso na vida adulta durante as décadas de 1980 e 1990, quando já residiam nas periferias da cidade.

Colocada tamanha complexidade, uma estratégia possível para a compreensão do fino movimento de transição entre as etapas de vida é a interpretação das mudanças na articulação interseccional, que não somente se reorganiza, mas também permite com que outras interseccionalidades emergam e passem a compor o conjunto (Alves, *et al.*, 2019; Guimarães *et al.*, 2023; Silva, 2010). Estas mudanças expressam a realidade interseccional evocada a partir das relações que as participantes estabeleceram com o mundo, ou seja, como os significados foram construídos na fundação dessas realidades específicas de espaço-tempo, conteúdo e agência. Para isso, tomaremos alguns elementos destacados no quadro III, como por exemplo as narrativas de síntese que Tammie, Monique e Alyssa elaboraram sobre suas trajetórias de vida.

Hoje eu vejo que os anos se passaram e eu tenho de admitir que hoje eu envelheci mais... o tempo se passou e eu me tornei uma mulher mais madura, mais velha, tanto na aparência quanto na mente. E é isso que eu vejo. (Tammie, 2018)

Eu vejo uma mulher guerreira (emoção e choro) (...) batalhadora, uma boa mãe e uma boa avó, que luta para superar todos os obstáculos que aparecerem com muita fé em Deus e com muita determinação (momento de acolhimento e abraço). (Monique, 2018)

Eu vejo uma mulher corajosa que luta e que conquista através da palavra de Deus, a gente luta e conquista. E eu acho assim... Eu sou uma vencedora! É isso que eu sinto! Que Deus é na minha vida (risos). (Alyssa, 2018)

Os relatos destas mulheres expressam a longevidade de seus cursos de vida ao ponto que evocam elementos que corroboram para a interpretação dos processos pelos quais passaram; estes mesmos envoltos pelas interseccionalidades acionadas nas dimensões de espaço-tempo, conteúdo e agência, ou seja, concretizados pelas articulações que constituem os contextos geográficos em curso. Neste sentido, é preciso destacar que as interseccionalidades dispostas são aquelas que surgem a partir das experiências evocadas, ou seja, daquilo que demanda a imprevisibilidade presente na *assemblage thinking*, o que não quer dizer que as demais interseccionalidades deixem de existir ou mesmo que mantenham inalteradas suas significâncias e ordenações em diferentes contextos geográficos. Este mesmo raciocínio se coloca no que tange aos acontecimentos e pontos de inflexão, uma vez que estes fazem parte dos cursos de vida, ou melhor dizendo, das histórias corporificadas das mulheres, de seus acúmulos e memórias que permanecem em movimento. Exemplo disso é a vivência com o HIV/AIDS que, para essas mulheres, inicialmente possuía caráter disruptivo e posteriormente passa a agregar outros significados nos contextos geográficos (Pedroso & Guimarães, 2022), como relatam Bonet e Tammie.

Ah, pra mim é normal! (risos). É como se eu estivesse falando de qualquer outra coisa, mas antes... antes eu falava: ‘Deus me livre pegar HIV/AIDS... Deus me perdoe pegar AIDS’. Era isso que eu falava (risos) (...). Mas, ele (HIV) me impactou nos primeiros momentos, mas depois eu me reconciliei com Jesus, dei minha alma pra ele. Hoje não é nada pra mim, não é nada! Deus é maior, um bem maior que o HIV. (Bonet, 2018)

Falar sobre HIV pra mim (pequena pausa)... Ah, é normal! É só no início quando a gente sabe que vive todo aquele choque, que parece que o mundo, parece que o chão não está aqui, parece que ele afundou, ele afundou por saber que eu tinha AIDS! Mas hoje é normal, para mim é uma doença normal, eu considero uma doença normal. É o que eu penso sobre o HIV hoje! (Tammie, 2018)

As narrativas de Bonet, Tammie e Monique explicitam as diferentes buscas por acolhimento ou mesmo por ações que apontassem outros horizontes, fazem parte da movimentação dos contextos geográficos que já se apresentavam outros em decorrência dos acontecimentos e pontos de inflexão vividos. Essa relação exprime as reorientações e ressignificações, bastante comuns após situações disruptivas (Hutchison, 2011), que se tornam componentes importantes para a organização dos agenciamentos no plano cotidiano.

Em outras palavras, trata-se do estabelecimento de experiências que transcenderam o perceptual apreendido por meio dos símbolos e valores (Scott, 1998). Assim, não se preocupam estritamente com as "(...) representações mentais da realidade (significados, sentimentos, discursos, estruturas), mas também com o modo como essas representações são produzidas e praticadas corporeamente no decorrer das ações e interações de que o mundo é constituído" (Paiva, 2017, p. 161). Sendo assim, essa preocupação ampliada incorpora no processo de representação os elementos que compõem a vida cotidiana, dando ênfase em como se estabelecem os afetamentos e experiências decorrentes das interações (Bailey, 2009; Thrift & Dewsbury, 2000; Wiltshire, 2018).

V. CONCLUSÃO

Ao colocarmos esta realidade em pauta foi possível por meio da concepção de *assemblage thinking* focarmos interpretações nas práticas e conhecimentos cotidianos, em outras palavras, foi possível elucidar os movimentos de vida dos sujeitos pelas dimensões de espaço-tempo, conteúdo e agência que compõem os contextos geográficos, especificamente, os das mulheres que vivem com HIV/AIDS em suas diferentes fases de vida. Isso porque o contexto geográfico é um conceito interpretativo que permite a leitura das complexas realidades produzidas pelos sujeitos em seus movimentos de resistência corporificada que, mesmo condicionados pelos agenciamentos, não se rendem ao determinismo, visto que permanecem abertos no campo de possibilidades que fomenta a continuidade da vida, do novo, do ainda desconhecido.

Durante o amadurecer da discussão se fez possível notar o quão complexo é raciocinar sobre a vida dos sujeitos, dada a exigência de refletir sobre a pluralidade experienciada em distintos momentos/etapas, sobre a fluidez de seus espaços-tempos, (i)materialidades e condições de ações em seus cursos de vida. Isto pelo fato de que estas mulheres lidaram e interagiram com diferentes agentes conforme a relação contextual que estabeleceram com/no espaço-tempo em continuum, podendo assim mudar seu contexto e seu campo de possibilidades, visto que estes estão em permanente constituição, nunca fechados, sempre em devir.

É evidente que este debate não está findado, pelo contrário, são intensas as constâncias que tensionam por reflexões metodológicas e teóricas acerca da lacuna existente entre o vivido e o conceitualmente construído sobre a vida dos sujeitos. Este entendimento nos faz crer na potencialidade do emprego da *assemblage thinking* e do contexto geográfico enquanto contribuições de e para a Geografia, sobretudo, nos campos comprometidos com os sujeitos, suas culturas, corpos, movimentos e suas interseccionalidades. Isso porque são nestes ramos do conhecimento geográfico - denominados de geografias outras, geografias marginais, geografias dissidentes - que se fazem presentes movimentos efervescentes, que nos levam a questionar... Não é da margem que deve advir a revolução?

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio e fomento da pesquisa no período de 2018 a 2020 (Bolsa no país - processo nº 2018/05706-2), e também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), responsável pelo financiamento de pesquisa no período de 2020 a 2022 (Bolsa no país - processo nº 88887.513741/2020-00).

ORCID ID

Mateus Fachin Pedroso  <https://orcid.org/0000-0002-9555-0405>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguiar, V. T. (2004). O verbal e o não verbal [The verbal and the non-verbal]. UNESP.
- Allen, J. (2012). A more than relational geography? *Dialogues in Human Geography*, 2(2), 190-193. <https://doi.org/10.1177/2043820612449295>
- Alves, N. C., Pedroso, M. F., & Guimarães, R. B. (2019). Corpos que falam: interpretações geográficas entre saúde, gênero e espaço [Speaking bodies: geographical interpretations between health, gender and space]. *Caderno Prudentino de Geografia*, 3(41), 9-24. <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/6435>
- Anderson, B., & Mcfarlane, C. (2011). Assemblage and Geography. *Area*, 43(2), 124-127. <https://www.jstor.org/stable/41240473>
- Anderson, B., Kearnes, M., Mcfarlane, C., & Swanton, D. (2012). On assemblages and Geography. *Dialogues in Human Geography*, 2(2), 171-189. <https://doi.org/10.1177/2043820612449261>
- Bailey, A. J. (2009). Population Geography: lifecourse matters. *Progress in Human Geography*, 33(3), 407-418. <https://doi.org/10.1177/0309132508096355>
- Binet, M. G. J. (2012). A transcrição como teoria-em-reconstrução: a indução como prática metodológica [Transcription as theory-in-reconstruction: induction as a methodological practice]. *Documento de Trabalho do GIID*, 37, 1-23. FCSH-UNL.
- Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: especificidades do contexto português e brasileiro [The prolongation of the transition to adulthood and the concept of emerging adulthood: specificities of the portuguese and brazilian contexts]. *Revista Análise Psicológica*, 30(3), 301-313. <https://doi.org/10.14417/ap.568>
- Brown, M. (2014). Gender and sexuality, I: intersectional anxieties. *Progress in Human Geography*, 36(4), 541-550. <https://doi.org/10.1177/0309132511420973>
- Camarano, A. A., Mello, J. L., & Kanso, S. (2006). Do nascimento à morte: principais transições [From birth to death: major transitions]. In A. A. Camarano (Ed.), *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* [Transition to adulthood or adulthood in transition?] (pp. 31-60). IPEA. <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3296?mode=full>
- Carrano, P. C. R. (2008). Jovens pobres: modos de vida, percursos urbanos e transições para a vida adulta [Poor young people: ways of life, urban paths and transitions to adulthood]. *Ciências Humanas e Sociais em Revista*, 30(2), 62-70. <https://www.researchgate.net/publication/228437399>
- Cassab, C. (2015). Da casa para rua: a dimensão espacial da juventude [From home to street: the spatial dimension of youth]. In L. S. Cavalcanti, E. F. Chaveiro & L. M. Pires (Orgs.), *A cidade e seus jovens* [The city and its young people] (pp. 137-158). PUC Goiás.
- Crenshaw, K. (1991). Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and the violence against women of color. *Stanford Law Review*, 43(6), 1241-1299. <https://doi.org/10.2307/1229039>
- Duff, C. (2016). Assemblages, territories, contexts. *International Journal of Drug Policy*, 33, 15-20. <https://doi.org/10.1016/j.drugpo.2015.10.003>
- Gontarek, D. D., & Silva, J. M. (2020). Violência doméstica e masculinidades: uma análise geográfica [Domestic violence and masculinities: a geographical analysis]. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, 11(2), 188-207. <https://doi.org/10.5212//Rlagg.v.11.i2.0009>
- Gregolin, M. R. V. (1995). A análise do discurso: conceitos e aplicações [Discourse analysis: concepts and applications]. *Revista Alfa*, 39, 13-21. <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3967>
- Guattari, F., & Rolnik, S. (1996). Produção de subjetividade e individualidade [Production of subjectivity and individuality]. In F. Guattari & S. Rolnik (Eds.), *Micropolítica: cartografias do desejo* [Micropolitics: cartographies of desire] (pp. 31-36). Editora Vozes.
- Guimarães, R. B., Pedroso, M. F., Silva, K. V. C., & Alves, N. C. (2023). Contexto geográfico e corpo: outras possibilidades de des(construção) das normas de saúde e gênero [Geographical context and the body: other possibilities for de(constructing) health and gender norms]. In J. M. Silva, M. J. Ornat & B. C. Junior. (Orgs.), *Corpos e Geografia: expressões de espaços encarnados* [Bodies and Geography: expressions of embodied spaces] (pp. 434-455). Todapalavra. <https://www.todapalavraeditora.com.br/store/corpos-geografia-expressoos-de-espacos-encarnados/>

- Hendry, L. B., & Kloep, M. (2007). Conceptualizing Emerging Adulthood: Inspecting the Emperor's New Clothes? *Child development perspectives*, 1(2), 74-79. <https://doi.org/10.1111/j.1750-8606.2007.00017.x>
- Hutchison, E. D. (2011). A life course perspective. In E. D. Hutchison (Ed.), *Dimensions of human behavior: The changing life course* (pp. 1-38). Sage.
- Kamalipour, H., & Peimani, N. (2015). Assemblage Thinking and the City: Implications for Urban Studies. *Current Urban Studies*, 3(4), 402-408. <https://doi.org/10.4236/cus.2015.34031>
- Kwan, M.-P. (2014). The uncertain geographic context problem. *Annals of the Association of American Geographers*, 102(5), 958-968. <https://doi.org/10.1080/00045608.2012.687349>
- Ladeira, W. T. (2007). Teoria e métodos de pesquisa qualitativa em sociolinguística interacional [Theory and methods of qualitative research in interactional sociolinguistics]. *Revista de Ciências Humanas*, 7(1), 43-56. <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/3557>
- Latour, B. (2012). *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede* [Reaggregating the social: an introduction to Actor-Network Theory]. Edufba.
- Lefebvre, H. (2006). *Ritmo-análisis: espacio, tiempo y vida cotidiana* [Rhythm-analysis: space, time and everyday life]. Continuum.
- Lefebvre, H. (2005). *Critique of Everyday Life, Volume III: From Modernity to Modernism*. Verso.
- Lévy, J. (2010). *Actores, objetos, entornos: inventar el espacio para leer el mundo* [Actors, objects, environments: inventing space to read the world]. In A. Lindón & D. Hiernaux (Eds.), *Los giros de la Geografía Humana: desafíos y horizontes* [The turns of Human Geography: challenges and horizons] (pp. 83-90). Universidad Autónoma Metropolitana. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3422299>
- Mangueneau, D. (1997). *Novas tendências em análise do discurso* [New trends in discourse analysis]. Universidade Estadual de Campinas.
- Mangueneau, D. (1990). Análise de discurso: a questão dos fundamentos [Discourse analysis: the question of foundations]. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 19, 65-74.
- Martins, E. R. (2020). Dimensões do geográfico: da quantidade à qualidade, do ente ao ser [Dimensions of the geographical: from quantity to quality, from entity to being]. *Revista GEOUSP, Espaço e Tempo*, 24(1), 8-26. <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2020.151300>
- Massey, D. (2009). Concepts of Space and Power in Theory and in Political Practice. *Documents d'Anàlisi Geogràfica*, 55, 15-26. <https://raco.cat/index.php/DocumentsAnalisi/article/view/171747>
- Massey, D. (2008). *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade* [For space: a new politics of spatiality]. Bertrand Brasil.
- Matthews, S. A. (2017). Uncertain Geographic Context Problem. In D. Richardson (Ed.), *International Encyclopedia of Geography* (pp. 1-11). John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/9781118786352.wbieg0599>
- Mccall, L. (2005). The complexity of intersectionality. *Signs*, 30(3), 1771-1800. <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/426800>
- Mcleod, J. D., & Almazan, E. P. (2003). Connections between Childhood and Adulthood. In J. T. Mortimer & M. J. Shanahan (Eds.), *Handbook of the life course* (pp. 391-406). Plenum Press. https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-0-306-48247-2_18
- Mussalim, F. (2008). Apontamentos sobre a categoria de tempo na análise do discurso [Notes on the category of time in discourse analysis]. In L. C. Cagliari (Org.), *O tempo e a linguagem* [Time and language] (pp. 157-179). Cultura Acadêmica.
- Paiva, D. (2018). Teorias não-representacionais da Geografia II: métodos para uma Geografia do que acontece [Non-representational theories of Geography II: methods for a Geography of what happens]. *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, LIII(107), 159-168. <https://doi.org/10.18055/Finis10197>
- Paiva, D. (2017). Teorias não-representacionais da Geografia I: conceitos para uma Geografia do que acontece [Non-representational theories of Geography I: concepts for a Geography of what happens]. *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, LII(106), 159-168. <https://doi.org/10.18055/Finis10196>
- Paula, F. M. A., & Pires, L. M. (2013). Os jovens e a cidade: práticas espaciais, redes de sociabilidade e constituição de territorialidades [Young people and the city: spatial practices, networks of sociability and the constitution of territorialities]. *Caderno Prudentino de Geografia*, 35, 87-106. <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/2262>

- Pearce, J. P. (2018). Complexity and uncertainty in Geography of health research: incorporating life-course perspectives. *Annals of the American Association of Geographers*, 108(6), 1491-1498. <https://doi.org/10.1080/24694452.2017.1416280>
- Pedroso, M. F. (2022). Flores e dores, vozes e vidas: contexto geográfico de mulheres e suas experiências interseccionais em Presidente Prudente, SP [Flowers and pain, voices and lives: the geographical context of women and their intersectional experiences in Presidente Prudente, SP]. [Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório Institucional UNESP. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/237020>
- Pedroso, M. F. (2019). Situacionalidade e interpretações: quantas geografias cabem em uma vida? [Situationality and interpretations: how many geographies can you fit into one life?]. *Revista Latino-americana Geografia e Gênero*, 10(2), 66-78. <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v10.i2.0004>
- Pedroso, M. F., & Guimarães, R. B. (2022). Mulheres brasileiras e seus contextos geográficos: reflexões acerca do normal-patológico [Brazilian women and their geographical contexts: reflections on the normal-pathological]. In E. M. Costa & A. Louro. (Orgs.), *Desigualdades em saúde, desigualdades no território: desafios para os países de língua portuguesa em contexto de pós pandemia* [Inequalities in health, inequalities in the territory: challenges for portuguese-speaking countries in the post-pandemic context] (pp. 243-251). Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/55524>
- Pires, C. L. Z., Heidrich, Á. L., & Costa, B. P. (2016). Plurilocalidade dos sujeitos: representações e ações no território [Plurilocality of subjects: representations and actions in the territory]. *Compasso-Lugar Cultura*.
- Pires, L. M. (2013). Culturas geográficas de alunos-jovens: uma referência para a formação de professores de Geografia. [Geographical cultures of young students: a reference for the training of geography teachers], [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Goiás]. Repositório da Universidade Federal de Goiás. <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4194>
- Przybysz, J., & Silva, J. M. (2019). Pesquisar para transgredir: fazendo Geografias feministas corporificadas [Researching to transgress: making embodied feminist Geographies]. *Caderno Prudentino de Geografia*, 3(41), 51-62. <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/6421>
- Queiroz, M. I. P. (1988). Relatos Oraís: do indizível ao dizível [Oral accounts: from the unspeakable to the sayable]. In O. M. Simon (Org.), *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil* (pp. 14-43). Vértice. <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1798>
- Scott, J. (1998). A invisibilidade da experiência [The invisibility of experience]. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, 16, 297-325. <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11183>
- Silva, A. C. (2000). A aparência, o ser e a forma: geografia e método [Appearance, being and form: geography and method]. *Revista GEOgraphia*, 2(3), 7-25. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2000.v2i3.a13372>
- Silva, A. C. (1996). O pensamento crítico e a morte do sujeito [Critical thinking and the death of the subject]. USP. https://geopo.fflch.usp.br/sites/geopo.fflch.usp.br/files/inline-files/O%20pensamento%20critico%20e%20a%20morte%20do%20sujeito_0.pdf
- Silva, A. C. (1982). Contribuição à crítica da crise da Geografia [Contribution to the critique of the crisis of Geography]. In M. Santos (Org.), *Novos rumos da Geografia brasileira* [New directions for Brazilian Geography] (pp. 13-24). Hucitec. <https://geopo.fflch.usp.br/biblioteca-armando-correa-da-silva>
- Silva, J. M. (2010). Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica [Feminist geographies, sexualities and corporalities: challenges to the investigative practices of geographic science]. *Revista Espaço e Cultura*, 27, 39-55. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3542>
- Silva, J. M., & Silva, M. G. S. N. (2014). Introduzindo as interseccionalidades como um desafio para a análise espacial no Brasil: em direção às pluriversalidades do saber geográfico [Introducing intersectionalities as a challenge for spatial analysis in Brazil: towards the pluriversalities of geographic knowledge]. In M. G. S. N. Silva & J. M. Silva (Orgs.), *Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial* [Intersectionalities, gender and sexualities in spatial analysis] (pp. 17-35). Todapalavra.
- Spink, M. J. P., & Medrado, B. (2004). Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas [Production of meaning in everyday life: a theoretical-methodological approach to analysing discursive practices]. In M. J. P. Spink (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas* [Discursive practices and the production of meaning in everyday life: theoretical and methodological approaches] (pp. 41-61). Cortez.

- Thompson, P. (1992). A entrevista [The interview]. In P. Thompson, *A voz do passado: história oral* [The voice of the past: oral history] (pp. 254-278). Paz e Terra.
- Thrift, N., & Dewsbury, J. (2000). Dead geographies - And how to make them live. *Environment and Planning: Society and Space*, 18(4), 411-432. <https://doi.org/10.1068/d1804ed>
- Turra Neto, N. (2015). Definir juventude como ato político: na confluência entre orientações de tempo, idade e espaço [Defining youth as a political act: at the confluence of orientations of time, age and space]. In L. Cavalcanti, E. F. Chaveiro & L. M. Pires (Orgs.), *A cidade e seus jovens* [The city and its young people] (pp. 119-136). PUC Goiás.
- Turra Neto, N. (2014). A noção de geração no estudo das transformações do espaço urbano: contribuições para pensar a relação entre geografia histórica e práticas culturais na produção da cidade [The notion of generation in the study of urban space transformations: contributions to think the relationship between historical geography and cultural practices in the production of the city]. In F. G. Oliveira, D. G. Freire, G. M. Jesus & L. D. Oliveira (Orgs.), *Geografia Urbana: ciência e ação política* [Urban Geography: science and policy action] (pp. 317-342). Consequência.
- Wiltshire, K. D. (2018). Assemblage thinking. In C. Smith (Org.), *Live: encyclopedia of global archaeology* (pp. 1-5). Springer.

ⁱ Para aprofundamento sobre o conceito de Interseccionalidade recomendamos os trabalhos de Crenshaw (1991), McCall (2005), Silva (2010), Brown (2014), Silva & Silva, 2014, Przybysz & Silva (2019) e Alves *et al.*, (2019).

ⁱⁱ As entrevistas e gravações realizadas em áudio, foram aprovadas para o desenvolvimento da pesquisa e, estão sob resguardo do CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética). Processo nº 89182918.4.0000.5402.

ⁱⁱⁱ Segundo Hutchison (2011, p. 12, tradução própria), a transição atinente aos sujeitos e seus cursos de vida refere-se especificamente a “alteração de funções e status que representa uma diferença distinta das funções e status anteriores”.